

Peter McLaren, CRITICAL PEDAGOGY, POSTMODERNISM, AND PREDATORY CULTURE: OPPOSITIONAL POLITICS IN AN AGE OF DECLINE

Preface by Paulo Freire

Desde faz muito tempo, em função de minha experiência pessoal, me convenci da existência do que costumo chamar "parentesco intelectual" entre pessoas estranhas entre si do ponto de vista do sangue. "Parentesco intelectual" que, envolvendo similitudes na forma de apreciar os fatos, de compreendê-los, de valorizá-los, envolve também dessemelhanças e descompassos.

Refiro-me a esta sensação misteriosa que passa a "morar" em nós, quando, acabando de conhecer uma pessoa, parece que a ela estamos ligados por uma velha amizade. É como se o fato agora, bastante concreto, de havê-lo ou de havê-la conhecido, fosse para ambos um "dejà-vu". É como se encontrá-la ou encontrá-lo pela primeira vez fosse na verdade um reencontro há muito esperado.

Às vezes, pouco importa, o "parentesco" é até menor do que pareceu a princípio mas uma semelhança mais forte o mantém vivo e aceso.

O estado de "parentesco intelectual" provoca em quem o sofre sentir-se numa atmosfera agradável em que a intercomunicação se dá facilmente, com um mínimo de distúrbios. Em que os temas sobre que se fala são apreendidos por meio de experiências semelhantes de aproximação epistemológica a eles. Em que a afetividade, "amaciando" "esquinas arestosas" nos sujeitos, ajuda-os nas suas relações, em lugar de dificultá-las.

É interessante observar como às vezes se dá o mesmo fenômeno entre nós e pedaços de mundo que visitamos. Quando pisei pela primeira vez terras de Africa, a sensação que me tomou foi a de que voltava e não a de que chegava. Talvez se possa dizer que, carregando em mim, como brasileiro do nordeste, a africanidade que carrego, seria natural que, chegando à Africa, me sentisse voltando a ela. Mas, por outro lado, algo muito parecido se deu em mim, com Cambridge, em que, particularmente Harvard Square, me dá a sensação de velha, muto velha camaradagem. San Francisco, Buenos Aires, Amsterdam, Lisboa...

Certa vez, na Grécia, encontrei uma mulher com quem vivi o ensaio do "parentesco intelectual". Após longa conversa em que quase sempre eu já sabia o que ela iria dizer, visitei sua biblioteca, encontrando nela velhas e novas como as companhias de leitura e de estudo.

Ao longo de minha longa vida tenho vivido algumas vezes a agradável experiência do "parentesco intelectual". Não importa, por outro lado, que os sujeitos que vivem tal ensaio não pertençam à mesma geração e até à mesma cultura.

Às vezes, suspeitamos do parentesco através da leitura de textos, mas é no encontro pessoal em que os discursos se vão completando, que se confirma o "parentesco intelectual".

E é neste que se enraizam e prosperam grandes amizades que atravessam o tempo e quase sempre resistem a possíveis mudanças na forma de os sujeitos compreenderem o mundo desde quando se reconheceram "parentes" intelectualmente.

Se alguém me pergunta se o "parentesco intelectual" é um "sine qua" para que possamos influenciar e ser influenciados, para que possamos trabalhar juntos, permutar pontos de vista, acrescentar saberes, digo que não. Em tal caso, por precisarmos de cultivar em nós a virtude da tolerância, que nos "ensina" a conviver com o diferente, a com ele aprender, a ele ensinar, para que, afinal, possamos lutar contra o antagônico. De modo geral, lamentavelmente, acadêmicos e políticos usamos muito de nossas energias em "brigas" injustificáveis entre nós, provocadas, por diferenças adjetivas ou, pior ainda, por diferenças puramente adverbais. Enquanto nos gastamos numa "arenga" miúda, em que as vaidades pessoais se eriçam, se arranham e se fustigam nos enfraquecemos para o real combate: o combate ao antagônico.

Peter McLaren é um entre muito bons "parentes intelectuais" que "descobri" e por quem "fui descoberto". Na verdade, o "parentesco intelectual" é mutuamente descoberto e, mais ainda, tem seu "acabamento" ou seu aperfeiçoamento trabalhado pelos sujeitos que se descobrem. Ninguém se torna parente do outro se o outro não o reconhece também como parente.

A partir de certas semelhanças e afinidades o parentesco vai sendo "inventado" e reinventado e jamais se acha acabado.

Li McLaren bem antes de conhecê-lo pessoalmente. Em ambos os momentos foi outro "parente" muito próximo e querido, Henry Giroux quem mediou a mútua descoberta.

Ao terminar a leitura de seus primeiros textos à minha disposição estava quase certo de que pertencíamos a uma idêntica "família" intelectual não importa que até pudéssemos ter, como possivelmente temos, diferentes posições em face de um mesmo problema. Pertencer a uma mesma "família" intelectual não significa a redução de um no outro pois que é a autonomia de ambos a pedra que alicerça o verdadeiro parentesco.

O gosto da autonomia, a luta por mantê-la, a busca da criatividade, a defesa da amizade que implica tratá-la bem, cuidar dela; a responsabilidade intelectual, a rigorosidade na discussão dos objetos, a busca da clareza, a coragem de expor-se, o gosto do risco, a pureza sem puritanismo, a humildade sem servilismo são aspirações à procura de concretização que, na vida e obra de McLaren, me desafiam e me fazem "primo" seu, na medida em que, incessantemente, procuro deixar-me tocar por aquelas qualidades.

Paulo Freire
São Paulo, Fevereiro 1994.